








Lamiaceae Martinov no município de Alagoinhas, Bahia, Brasil

Lamiaceae Martinov in the municipality of Alagoinhas, Bahia, Brazil

David dos Santos Alves ¹   , Gracineide Selma Santos de Almeida ¹   & Itajilanda do Nascimento Santana ²  

1. Universidade do Estado da Bahia - Campus II, Departamento de Ciências Exatas e da Terra, Alagoinhas, Bahia, Brasil

2. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - Campus Alagoinhas, Bahia, Brasil

Palavras-chave:

Lamiales. Mata Atlântica. Ocimeae.

Keywords:

Atlantic forest. Lamiales. Ocimeae.

Recebido em: 02/09/2022

Aceite: 12/12/2022

Editor responsável: Jorge Antonio S. Costa (UFSB)

eISSN: 2595-6752



Resumo

Lamiaceae Martinov é a sexta maior família das Angiospermas, contendo cerca de 240 gêneros e 7.200 espécies. No Brasil, também apresenta alta riqueza, representada por 70 gêneros e aproximadamente 590 espécies. Apesar disso, é uma família relativamente pouco representada em estudos florísticos regionais. O objetivo deste trabalho foi realizar a florística e taxonomia das espécies de Lamiaceae ocorrentes no município de Alagoinhas, Bahia, Brasil. O levantamento foi realizado tanto por coletas do material botânico, quanto por consulta em materiais depositados em acervos de herbários da região como o HUNEB e o HUEFS. A família está representada no município por 16 espécies distribuídas em 13 gêneros e 4 tribos. Dentre essas espécies, se destaca *Mesosphaerum caatingense*, que teve seu primeiro registro para o estado da Bahia e para a Mata Atlântica realizado neste trabalho. São apresentadas descrições, fotografias de campo, comentários sobre as espécies e uma chave de identificação.

Abstract

*Lamiaceae Martinov is the sixth largest family of Angiosperms, containing about 240 genera and 7,200 species. In Brazil, it also presents high richness, represented by 70 genera and approximately 590 species. Despite this, it is a relatively underrepresented family in regional floristic studies. The objective of this work was to carry out the floristics and taxonomy of the Lamiaceae species occurring in the municipality of Alagoinhas, Bahia, Brazil. The survey was carried out both by collecting botanical material and by consulting materials deposited in herbarium collections in the region, such as HUNEB and HUEFS. The family is represented in the municipality by 16 species distributed in 13 genera and 4 tribes. Among these species, *Mesosphaerum caatingense* stands out, which had its first record for the state of Bahia and for the Atlantic Forest carried out in this work. Descriptions, field photographs, comments on the species and an identification key are provided.*

Introdução

Lamiaceae Martinov é a sexta maior família das Angiospermas contendo cerca de 240 gêneros e 7.200 espécies, ocorrendo em áreas tropicais a temperadas em todo o mundo, com a exceção da Antártica (Harley, 2012; Li et al., 2016). Segundo Harley et al. (2004), baseado no trabalho de Hedge (1992), são reconhecidas sete regiões de alta diversidade da família, sendo que o Brasil se encontra na quinta, a América do Sul. Os planaltos da Guiana e do Brasil, incluindo a Amazônia e o leste do América Sul tem uma flora da família diferenciada, dominada pela subfamília Nepetoideae (Dumortier), tribo Ocimeae Dumort. e subtribo Hyptidinae Endl., principalmente pelo gênero

Hyptis Jacq. (Harley et al., 2004). No Brasil a família está representada por 70 gêneros e aproximadamente 590 espécies, apresentando arbustos, subarbustos, árvores, ervas e lianas, possuindo o maior número de espécies nos domínios fitogeográficos do Cerrado, Mata Atlântica e Caatinga (Antar et al., 2022).

O município de Alagoinhas está localizado no Litoral Norte Baiano e possui importantes remanescentes de Mata Atlântica que representam um de seus principais domínios fitogeográficos. De acordo com Jesus et al. (2017), a Floresta Ombrófila Densa dessa região é formada por um tipo de cobertura vegetal densa, sempre verde, com árvores frondosas de folhas largas, constituídas de estratos bem definidos e no dossel superior é possível encontrar árvores em média com 20 a 30 m de altura. No sub-bosque encontram-se trepadeiras e pequenos arbustos. São escassos os estudos florísticos específicos para os remanescentes de Mata Atlântica, o que acaba não refletindo a real diversidade florística deste domínio fitogeográfico no estado da Bahia.

São escassos os trabalhos da família para a Bahia, principalmente para o Litoral Norte do estado, sendo os trabalhos com maior contribuição os de Harley (1996), Harley e Simmons (1986), Harley e Walsingham (2014) e de Zappi et al. (2003), sendo que, neste último trabalho, Lamiaceae foi representada por 41 espécies distribuídas em cinco gêneros para Catolés, na Chapada Diamantina. O gênero *Vitex* Tour. ex L. também foi levantado para a Bahia por Lima e França (2009), onde foram identificadas quinze espécies para o gênero.

A Mata Atlântica é um dos principais *hotspots* mundiais de biodiversidade, que há muito tempo sofre com a perda de habitat (tendo como grande motivo de preocupação a expansão de grandes monoculturas, especialmente de *Eucalyptus* L'Hér.), e apesar do estado insatisfatório de conservação atual, abriga uma extraordinária biodiversidade e elevados níveis de endemismo, devendo ser um alvo global para a conservação (Ribeiro et al., 2011). Funk e Richardson (2002) afirmam que compreender os padrões de biodiversidade pode ser a chave para conservar o restante das espécies existentes, especialmente em áreas tropicais.

Proteger os remanescentes da Mata Atlântica é um grande desafio, requerendo medidas legislativas e fiscalizatórias mais rígidas e também ações de caráter científico, pois sem o conhecimento do funcionamento dos ecossistemas torna-se difícil executar práticas conservacionistas e estimular o uso sustentável (Sanquetta, 2008). Buscando contribuir para o conhecimento e manutenção das florestas nativas, o presente trabalho teve como objetivo realizar o levantamento florístico e taxonômico das espécies de Lamiaceae que ocorrem no município de Alagoinhas, Bahia, Brasil.

Material e Métodos

Área de estudo

O município de Alagoinhas está localizado na mesorregião geográfica do Nordeste Baiano e no território de identidade do Litoral Norte e Agreste Baiano, apresentando uma extensão de 752,4 km², sob os pontos médios de coordenadas geográficas 12° 08'08" S e 38°25'09" W, a uma altitude de 132 m (SEI, 2013). Limita-se ao Norte com o município de Inhambupe, ao Sul com o município de Catu, a Leste com o município de Araçás, a Oeste com o município de Aramarí (Figura 1).

O bioma do município é a Mata Atlântica (IBGE, 2019), constituindo-se de vários fragmentos e remanescentes que vem apresentando altos índices de antropização como o corte ilegal da madeira e o avanço da silvicultura. O clima do município é de úmido a subúmido, com temperatura média anual de 23,9 °C, o período chuvoso é geralmente no período de março a julho e a pluviosidade anual é de 1.234,1mm (SEI, 2013).

Coleta e herborização

O levantamento florístico e taxonômico da família foi realizado tanto por coletas do material botânico em expedições a campo, quanto por consulta em acervos do Herbário da Universidade do Estado da Bahia (HUNEB) e do Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS). As coletas realizadas de forma quinzenal ou mensal nos remanescentes de Mata Atlântica do município em melhor estado de conservação (Complexo UNEB/EBDA, Riacho do Mel, Patioba e Rio Branco), dentro do período de 5/2019 a 3/2020 e retomadas após o período pandêmico em 2022. Tiveram como foco a coleta de espécimes nativos, porém também se considerou no *check-list* espécimes cultivados e naturalizados que já se encontravam depositados em acervos.

As expedições foram realizadas de acordo com o método de caminhamento, que consiste na coleta de indivíduos em estágio reprodutivo das espécies encontradas ao longo da trilha e ao alcance da visão do coletor (Filgueiras et al., 1994). O material foi coletado e herborizado conforme padrões usuais em botânica (Fidalgo; Bononi, 1984; Mori et al., 1989). Sendo coletados cerca de três exemplares de cada espécie encontrada. Além disso, partes férteis dos indivíduos como inflorescências e frutos foram acondicionados em recipientes com álcool 70%, devidamente etiquetados, com data e número da coleta, utilizados para posteriores estudos morfológicos. Os materiais coletados e identificados foram devidamente incorporados ao acervo do HUNEB.

Identificação e descrição taxonômica

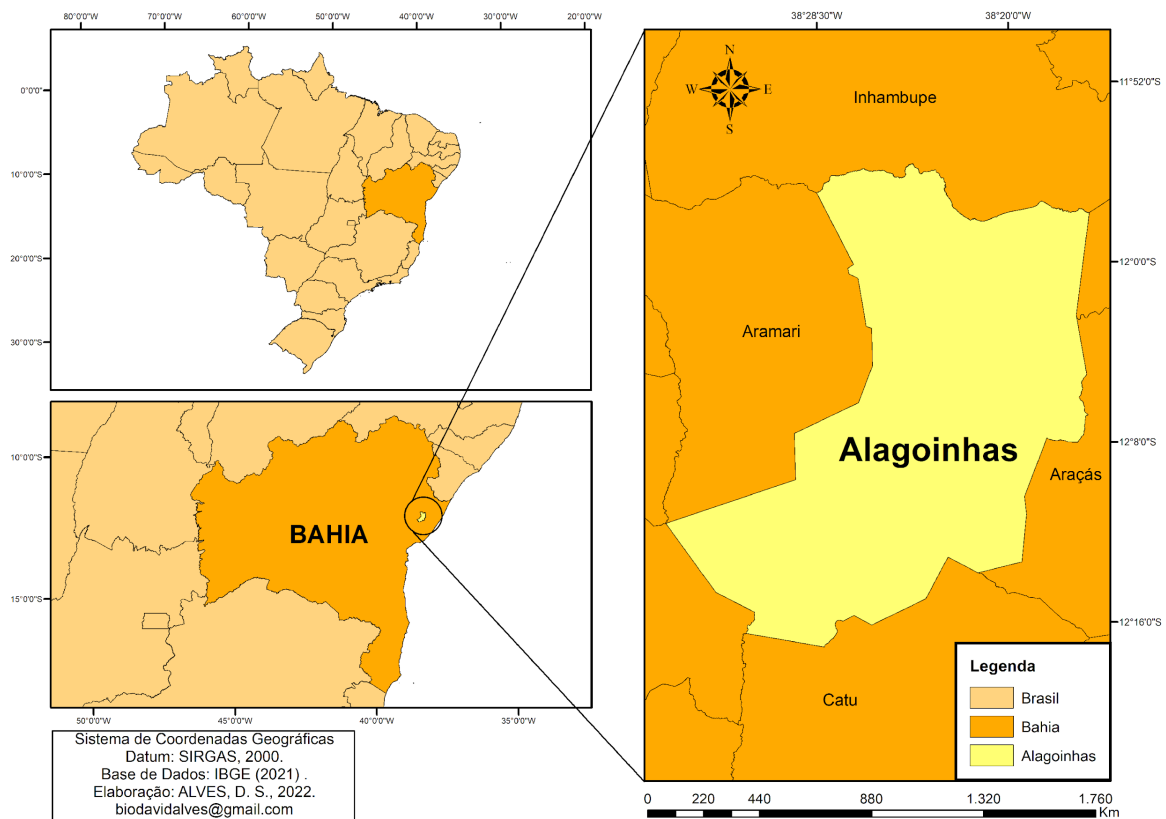
A identificação foi realizada através de bibliografia específica da família (Antar et al., 2022; Hashimoto; Ferreira, 2020; Harley; Pastore, 2012; Harley, 2012; Silva-Luz et al., 2012; Mota et al., 2017; Monteiro et al., 2018) e comparação com a coleções botânicas do HUNEB e HUEFS, além de consultas aos acervos virtuais da base de dados do *Specieslink* (<https://specieslink.net/>). Quando necessário se consultou especialistas da família.

O sistema de classificação adotado foi APG IV (2016), sendo que para classificações de tribos e subtribos se utilizou a classificação mais recente e atualizada por Zhao et al. (2021). Para siglas dos herbários se utilizou *Thiers Index Herbariorum* (<http://sweetgum.nybg.org/science/>), que é continuamente atualizado.

A distribuição geográfica, sinonímias e domínios fitogeográficos das espécies foram estabelecidos a partir de dados fornecidos pelo site da Flora e Funga do Brasil (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/>).

A descrição das espécies foi realizada através da análise morfológica dos caracteres vegetativos e reprodutivos do material examinado em laboratório com base em exsiccatas, material reidratado e material acondicionado em álcool 70%), com o auxílio do estereomicroscópio, régua e papel milimetrado. A terminologia utilizada dos caracteres foi baseada em Gonçalves e Lorenzi (2016).

Figura 1. Mapa da Área de Estudo. Em destaque o Município de Alagoinhas.



Resultados e Discussão

Lamiaceae está representada no município de Alagoinhas por 16 espécies distribuídas em 13 gêneros e 4 tribos (Tabela 1). A tribo com maior representatividade foi Ocimeae pertencente a subfamília Nepetoideae, sendo grande parte dos gêneros representantes da subtribo Hyptidinae, caracterizada principalmente pelo seu mecanismo de polinização explosiva (Harley, 1971). A grande representatividade da subtribo na área de estudo já era esperada pelo fato de ser considerada quase exclusivamente neotropical, ocorrendo em toda a América tropical e subtropical (Harley et al., 2004).

Através das expedições se realizou o importante registro da espécie *Mesosphaerum caatingense*, recentemente descrita e até então considerada endêmica da caatinga (Harley et al., 2019), sendo tanto um primeiro registro para o estado da Bahia (ampliando os dados acerca da distribuição da espécie) quanto para o domínio da Mata Atlântica. O que reforça a importância da conservação e conhecimento da composição florística destes remanescentes do município, que podem estar abrigando outros importantes registros como este.

Também se teve a presença dos gêneros *Eplingiella* e *Rhaphiodon* que são endêmicos do país (embora o segundo ser monoespecífico), onde apesar da grande representatividade em Ocimeae, o gênero que apresentou um maior número de espécies (3 spp.) foi *Aegiphila* da tribo Clerodendreae.

Grande parte dos registros das espécies para a família se concentram na área do Complexo Vegetacional UNEB/EBDA, que pode ser explicado pela proximidade da área com a universidade que acaba servindo de campo para os mais diversos estudos botânicos, o que de-

monstra a relevância biológica deste remanescente de Mata Atlântica e a necessidade de conservação desta área.

Haviam registros do gênero *Eriope* Bonpl. ex Benth. nas bases de dados (HUNEB 3469, *Jesus* 420; HUNEB 10334, *Jesus* 2291; HUNEB 11380, *Jesus* 2318; HUNEB 12259, *Silva* 56), mas ao verificar o acervo não se encontrou os espécimes e as espécies não foram reencontradas nas coletas. Dessa forma não foi possível realizar as análises e confirmar as ocorrências.

Tabela 1. Check-list da família Lamiaceae para o município de Alagoinhas.

| Subfamília | Tribo | Espécie |
|-------------------------------------|---------------------------|--|
| Ajugoideae Kostel. | Clerodendreae Briq. | <i>Aegiphila integrifolia</i> (Jacq.) B.D.Jacks. |
| | | <i>Aegiphila pernambucensis</i> Moldenke |
| | | <i>Aegiphila verticillata</i> Vell. |
| Lamiodeae Harley | Leucadeae Scheen & Ryding | <i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R.Br. |
| Nepetoideae (Dumort.) Luerss. | Ocimeae Dumort. | <i>Mentha piperita</i> L. |
| | | <i>Acollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng. |
| | | <i>Calceus barbatus</i> (Andrews) Benth. ex G.Don |
| | | <i>Eplingiella fruticosa</i> (Salzm. ex Benth.) Harley & J.F.B.Pastore |
| | | <i>Gymnea plataniifolia</i> (Mart. ex Benth.) Harley & J.F.B.Pastore |
| | | <i>Hyptenia salzmanii</i> (Benth.) Harley |
| | | <i>Hyptis atrorubens</i> Poit. |
| | | <i>Marysianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kuntze |
| | | <i>Mesosphaerum caatingense</i> Harley & J.F.B.Pastore |
| | | <i>Mesosphaerum pectinatum</i> (L.) Kuntze |
| | | <i>Ocimum gratissimum</i> L. |
| | | <i>Rhaphiodon echinus</i> Schauer |

Chave para identificação das espécies de Lamiaceae no município de Alagoinhas, Bahia, Brasil

| | |
|--|---------------------------------|
| 1. Estilete terminal; fruto drupáceo..... | 2 |
| Estilete ginobásico; fruto esquizocárpico..... | 4 |
| 2. Folhas ovadas a largo-elípticas; cimas sésseis, brácteas ausentes..... | <i>Aegiphila integrifolia</i> |
| Folhas oblongas ou elípticas; cimas pedunculadas, brácteas presentes..... | 3 |
| 3. Lâmina velutina em ambas as faces; frutos sempre oblongos, 9–10×5–7 mm..... | <i>Aegiphila verticillata</i> |
| Lâmina velutina em apenas uma face; frutos geralmente globosos, 5–7×4–5 mm..... | <i>Aegiphila pernambucensis</i> |
| 4. Caule cilíndrico, entrenós inflados e fistulosos..... | <i>Hypenia salzmannii</i> |
| Caule quadrangular, sem o conjunto de caracteres..... | 5 |
| 5. Margem foliar inteira; inflorescência espiciforme..... | <i>Aeollanthus suaveolens</i> |
| Margem foliar crenada, dentada ou serreada; inflorescência não espiciforme..... | 6 |
| 6. Folhas cordiformes..... | 7 |
| Folhas ovadas ou elípticas..... | 8 |
| 7. Cálice com lobos espinescentes; corola infundibuliforme, roxa..... | <i>Rhaphiodon echinus</i> |
| Cálice com lobos filiformes; corola hipocrateriforme, branca com um arco roxo no lábio superior..... | <i>Mesosphaerum caatingense</i> |
| 8. Folhas dispostas em braquiblastos..... | <i>Eplingiella fruticosa</i> |
| Folhas não dispostas em braquiblastos..... | 9 |
| 9. Inflorescência em verticilastros ou tirsóides compostas por cimeiras sésseis..... | 10 |
| Inflorescências não formando verticilastros..... | 13 |
| 10. Verticilastros globosos..... | 11 |
| Verticilastros não globosos..... | 12 |
| 11. Cálice 6-lobado; corola tubulosa laranja..... | <i>Leonotis nepetifolia</i> |
| Cálice 5-lobado; corola hipocrateriforme ou infundibuliforme branca com pontuações púrpuras..... | <i>Gymneia platanifolia</i> |
| 12. Par de brácteas simétricas; corola roxa, lábio superior e inferior unilobado..... | <i>Coleus barbatus</i> |
| Par de brácteas assimétricas; corola branca, lábio superior 4-lobado, lábio inferior unilobado..... | <i>Ocimum gratissimum</i> |
| 13. Inflorescências capituliformes, brácteas da base não semelhantes as folhas..... | 14 |
| Inflorescências não capituliformes, brácteas da base semelhantes as folhas..... | 15 |
| 14. Inflorescência em capítulos hemisféricos, brácteas elípticas..... | <i>Hyptis atrorubens</i> |
| Inflorescência em glomérulos capituliformes, brácteas lanceoladas..... | <i>Marsypianthes chamaedrys</i> |
| 15. Inflorescência tirsóide composta por cimeiras pediceladas..... | <i>Mentha piperita</i> |
| Inflorescência em dicásios cincinados compactos..... | <i>Mesosphaerum pectinatum</i> |

1. *Aegiphila integrifolia* (Jacq.) B.D.Jacks., Index Kew. 1(1): 46 (1893).

Arbusto ou árvore, ramos quadrangulares, pubescentes a velutinos. **Folhas** opostas cruzadas, ovadas a largo-elípticas; pecíolo inconspícuo a 4 mm compr., pubescente; lâmina 40–85 × 25–55 mm, ápice atenuado, base atenuada, margem inteira, face adaxial com tricomas glandulares, face abaxial velutina, discolors. **Inflorescência** em cimas axilares, sésseis, multifloras, brácteas ausentes. **Flores** sésseis; cálice longamente tubuloso, ca. 3 mm compr., pubescente a velutino, lobos atenuados; corola tubulosa, branca ou creme, tubo não totalmente incluso no cálice, ca. 1 mm de compr., 4-lobada, pubescente; androceu não observado; gineceu com ovário súpero, estilete terminal, estigma bifido. **Fruto** drupáceo, oblongo, verdes, 6–8 × 3–4 mm; cálice persistente, glabro.

Fenologia: Registro da espécie em floração e frutificação em janeiro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, 7km N of limit of town, BR-101, 27/I/1993, Kallunki 387 (HUEFS).

Distribuição: Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (França, 2022).

Aegiphila integrifolia é nativa do Brasil (França, 2022). O único registro da espécie na área de estudo é de 1993, que estava identificado como *Aegiphila parviflora* Moldenke, porém a espécie foi sinonimizada para *A. integrifolia*. Diferencia-se das demais espécies do gênero na área de estudo pelas suas folhas ovadas a largo-elípticas e cimas sésseis.

2. *Aegiphila pernambucensis* Moldenke, Phytologia 1: 257 (1937). (Figuras 3a, 5a)

Árvore ou arvoreta com ramos quadrangulares, entrenós glabros a incanos (geralmente nos ramos inferiores) ou pubescentes, nós velutinos. **Folhas** opostas cruzadas, oblongas a elípticas; pecíolo 1–5 mm compr., velutino; lâmina 20–70 × 10–40 mm, ápice atenuado (geralmente arredondado nas folhas jovens), base atenuada, margem inteira, face adaxial pubescente, face abaxial velutina, discolors. **Inflorescência** em cimas axilares, multifloras; pedúnculo 3–5 mm compr., velutino; brácteas lineares, velutinas. **Flores** sésseis; cálice infundibuliforme, 2–5 × 2–3 mm, externamente velutino, internamente glabro, lobos atenuados a sinuosos; corola hipocrateriforme, 2–4 × 9 mm, branca, 4–lobada; androceu com 4–5 estames alvos, exsertos, isodínamos; gineceu apresentando ovário súpero, estilete terminal, estigma bifido, exserto. **Fruto** drupáceo, alaranjado, geralmente globosos, raramente oblongos, 5–7 × 4–5 mm; cálice persistente, glabro, lobos inteiros a sinuosos.

Fenologia: Registros da espécie em floração e frutificação nos meses de março e dezembro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, UNEB, Campus II, 2/III/1999, *Jesus* 177 (HUEFS, HUNEB); *loc. cit.*, 19/XII/2000, *Figueroa* 112 (HUNEB).

Distribuição: Nordeste (Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco) (França, 2022).

Aegiphila pernambucensis é nativa do Brasil e endêmica para região Nordeste (França, 2022). Se diferencia das outras espécies do gênero na área de estudo pelos seus frutos geralmente globosos e sua lâmina foliar velutina apenas na face abaxial.

3. *Aegiphila verticillata* Vell., Fl. Flumin. 37 (1829). (Figuras 2a, 3b)

Arbusto ou arvoreta, ramos quadrangulares, pubescentes na base e velutina conforme chega ao ápice. **Folhas** opostas cruzadas, elípticas; pecíolo 2–6 mm, velutino a pubescente; lâmina 30–70 × 17–30 mm, ápice arredondado a atenuado, base atenuada, margem inteira, velutinas em ambas as faces, discolors. **Inflorescência** em cimas axilares; pedúnculo velutino; brácteas lineares, velutinas. **Flores** pediceladas; pedicelo 1–4 mm, velutino; cálice piriforme, infundibuliforme ou obcônico, 3–5 × 2–3 mm, 4–5 lobado, externamente velutino, internamente glabro; corola alva, 4–lobada; androceu com 4 estames, exsertos, isodínamos; gineceu com ovário súpero, estilete terminal exserto, estigma bifido. **Fruto** drupáceo, oblongo, verde a alaranjado, 9–10 × 5–7 mm; cálice persistente, glabro.

Fenologia: Registros da espécie em floração e frutificação nos meses de dezembro a abril.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, UNEB, Campus II, 14/I/1998, *Jesus* 42 (HUNEB, HUEFS); *loc. cit.*, 19/XII/2000, *Figueroa* 110 (HUNEB); *loc. cit.*, 10/III/2001, *Silva, Melo & Resende* 139 (HUEFS); *loc. cit.*, 27/II/2002, *Melo* 3522 (HUEFS); *loc. cit.*, 24/II/2004, *França* 4928 (HUEFS).

Distribuição: Norte (Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do

Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná, Santa Catarina) (França, 2022).

Aegiphila verticillata é nativa do país (França, 2022). Existe um considerável número de espécies do gênero que possui como sinônimo *A. verticillata*, evidenciando sua morfologia bastante variável. Foram encontrados espécimes em acervo com as nomenclaturas antigas, identificados como *A. lbotskiana* Cham. e *A. paraguariensis* Briq. Dentre as espécies do gênero na área de estudo, assemelha a *A. pernambucensis* por possuir cimeiras pediceladas, porém, podem ser diferenciadas principalmente por *A. verticillata* apresentar as duas faces da lâmina foliar velutinas e seus frutos serem oblongos. No Remanescente de Mata Atlântica do Complexo Vegetacional UNEB/EBDA, a espécie foi encontrada nas bordas das trilhas.

4. *Aeollanthus suaveolens* Mart. ex Spreng., Syst. Veg., ed. 16 [Sprengel] 2: 750 (1825). (Figuras 3c, 4a, 5b)

Erva a subarbusto decumbente, caule quadrangular, suculento, glabro e mais raramente incano. **Folhas** opostas cruzadas, elípticas, sésseis; lâmina 30–65 × 10–20 mm, base decorrente, margem inteira, ápice arredondado, ambas as faces glabras. **Inflorescências** terminais, espiciformes, composta de cimas unifloras, congestas; pedúnculo pubescente; um par de brácteas na base de cada flor, semelhantes a folhas, elípticas, ca. 2–3 mm compr. **Flores** sésseis; cálice tubuloso, arredondado, truncado, ca. 1 mm compr., externamente pubescente, internamente glabro; corola tubulosa, bilabiada, externamente próxima a base glabra, próxima aos lábios pubescentes, internamente glabra; androceu com 4 estames inclusos; gineceu apresentando ovário súpero, 4–lobado, estilete ginobásico, estigma bifido. **Fruto** esquizocárpico; cálice acrescente, ca. 3 mm de compr., turbinado, inflado, externamente pubescente; Sementes em 4 núculas, arredondadas, levemente piramidais, ca. 1 × 1 mm.

Fenologia: Registros da espécie em floração e frutificação no mês de outubro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, C.A.A., 3/X/2008, *Silva* 46 (HUNEB).

Aeollanthus suaveolens é uma espécie cultivada no Brasil, o gênero originalmente é nativo da região da África do Sul (Van; Van, 2005). A espécie difere das demais na área de estudo pela sua inflorescência terminal espiciforme composta por cimas unifloras. Considerada como não ocorrente no país (Antar et al., 2022), porém se trata de uma planta comercializada possivelmente para fins ornamentais (por ser considerada uma planta suculenta) ou terapêuticos.

5. *Coleus barbatus* (Andrews) Benth., Pl. Asiat. Rar. (Wallich). 2: 15 (1830). (Figuras 2b, 3d)

Subarbusto, ramos quadrangulares, velutinos a tomentosos. **Folhas** opostas cruzadas, membranáceas, ovadas a elípticas; pecíolo 5–20 mm compr., tomentoso; lâmina de 35–85 × 15–43 mm, ápice atenuado, base atenuada, margem crenada a serreada, ambas faces velutinas. **Inflorescência** terminal em tirso de cimeiras sésseis formando verticilastros, pedúnculo pubescente glandular;

par de brácteas simétricas na base do tirso semelhante a folhas. **Flores** vistosas pediceladas; cálice 5 lobado com um dos lobos maior, recurvado e elíptico, externamente pubescente, internamente hirsuto, 4–6 × 1–2 mm; corola bilabiada, roxa, 12–23 mm compr., tubulosa, lábios unilobados, lábio superior curto e recurvado, lábio inferior longo, cimbiforme guarnecendo as estruturas reprodutivas; androceu com 4 estames didínamos; gineceu com ovário súpero 4–lobado, estilete ginobásico, estigma bifido. **Fruto** não observado.

Fenologia: Registro de floração nos meses de abril e novembro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, Fazenda Espinho, 12/XI/2008, *Silva* 55 (HUNEB).

Distribuição: Norte (Pará), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (Flora e Funga do Brasil, 2022).

Ainda considerada como *Plectranthus barbatus* na Flora e Funga do Brasil (Antar, 2022), atualmente tratada como *C. barbatus* (segundo Paton et al., 2019), é uma espécie amplamente cultivada pelo Brasil. Se diferenciando das demais principalmente pela sua morfologia dos lábios da corola, ambos unilobados, onde o superior é curto e recurvado e o inferior é longo e cimbiforme.

6. *Eplingiella fruticosa* (Salzm. ex Benth.) Harley & J.F.B.Pastore, Phytotaxa 58: 22 (2012). (Figuras 2c, 3e, 4b, 5c)

Arbusto, ramos quadrangulares, incanos. **Folhas** opostas cruzadas, dispostas em braquiblastos, cartáceas, ovadas; pecíolo com 3–7 mm de compr., incano; lâmina 7–14 × 4–8 mm, ápice de arredondado a atenuado, base atenuada, margem crenada, face adaxial pilosa, face abaxial velutina e discolores. **Inflorescência** em umbelas, axilares ou terminais, 10–13 × 15–18 mm; pedúnculos ca. 16 mm compr., pubescentes; brácteas ca. 5 mm, verdes, filiformes. **Flores** subsésseis, ressupinadas, pedicelo pubescente; cálice tubuloso, 4–7 × 1–2 mm, enegrecido, apresentando 5 lacínios, externamente pubescente com a presença de poucos tricomas glandulares, internamente glabro com a presença de tricomas hirsutos no ápice; corola hipocrateriforme, bilabiada, 7–10 × 2 mm, lilás, face externa pubescente, internamente glabra; androceu com 4 estames. didínamos, epipétalos, filetes 2 mm compr., lilás, piloso, anteras roxas; gineceu com ovário súpero 4–lobado, glabro, estilete ginobásico, lilás, glabrescente, estigma bifido. **Fruto** esquizocárpico, 5–8 × 2 mm; cálice acrescente, fortemente curvado, apresenta a abertura tomentosa, em formato estrelar, externamente piloso, internamente glabro; núculas oblongas, 2 × 1 mm, marrons, glabras.

Fenologia: Registros da espécie em floração e frutificação nos meses de fevereiro, abril, setembro, outubro e novembro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, Fazenda Iraci Gama, 30/IX/1998, *Jesus* 152 (HUEFS); Fazenda Limeira, ca. 8km da cidade, 26/II/2010, *Carvalho-Sobrinho* 2641 (HUEFS); área do município, 24/IV/2010, *Melo* 7996 (HUEFS); próximo a in-

dústria Braspel, 24/IV/2010, *Melo* 8046 (HUEFS); remanescente de Mata Atlântica, Riacho do Mel, 19/XII/2019, *Alves* 19 (HUNEB).

Distribuição: Nordeste (Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe) (Harley, 2022).

Eplingiella fruticosa é nativa do Brasil e endêmica da região Nordeste, com possíveis ocorrências em Minas Gerais (Harley, 2022). Se difere das outras espécies pelas suas folhas nascidas em braquiblastos, pequenas e xeromórficas. Alguns espécimes ainda estavam registrados como *Hyptis fruticosa* Salzm. ex Benth., quando a mesma ainda fazia parte de uma das seções do gênero *Hyptis*. Além disso a espécie apresenta uma característica marcante ao gênero que é o dimorfismo floral (flores não ressupinadas e flores ressupinadas), que funciona como uma estratégia de polinização cruzada (Harley et al., 2017). A espécie foi encontrada nas bordas das trilhas e também no interior da mata.

7. *Gymmeia platanifolia* (Mart. ex Benth.) Harley & J.F.B.Pastore, Phytotaxa 58: 23 (2012). (Figuras 2d, 3f, 4c, 5d)

Erva prostrada, caule quadrangular, glabro a incano. **Folhas** opostas cruzadas, cartáceas, ovadas; pecíolo 3–11 mm compr., tomentoso; lâmina 20–50 × 10–22 mm, ápice atenuado, base atenuada, margem denteada, face adaxial pubescente, face abaxial tomentosa, discolores. **Inflorescência** em verticilastros globosos, 13–17 × 12–20 mm, séssil, terminais; brácteas marrons, filiformes, 6–7 × 1 mm. **Flores** subsésseis, pedicelo pubescente; cálice tubuloso, 8–9 × 1 mm, verde, apresentando 5 lobos lateralmente pilosos com os ápices púrpuros, face externa pubescente, face interna glabra; corola de hipocrateriforme a infundibuliforme, bilabiada, 4–5 × 3 mm, branca, apresentando pontuações púrpuras na região interna do lábio superior, face externa glabra, face interna glabra; androceu com 4 estames, didínamos, epipétalos, filetes brancos, pubescentes; gineceu com ovário súpero, 4–lobado, glabro, estilete ginobásico, branco, estigma bifido. **Fruto** esquizocárpico, 8–10 × 2 mm; cálice acrescente, giboso, ápice curvado, marrom, de pubescente a piloso; núculas oblongas, de coloração marrom, glabras as vezes apresentando pubescência no ápice.

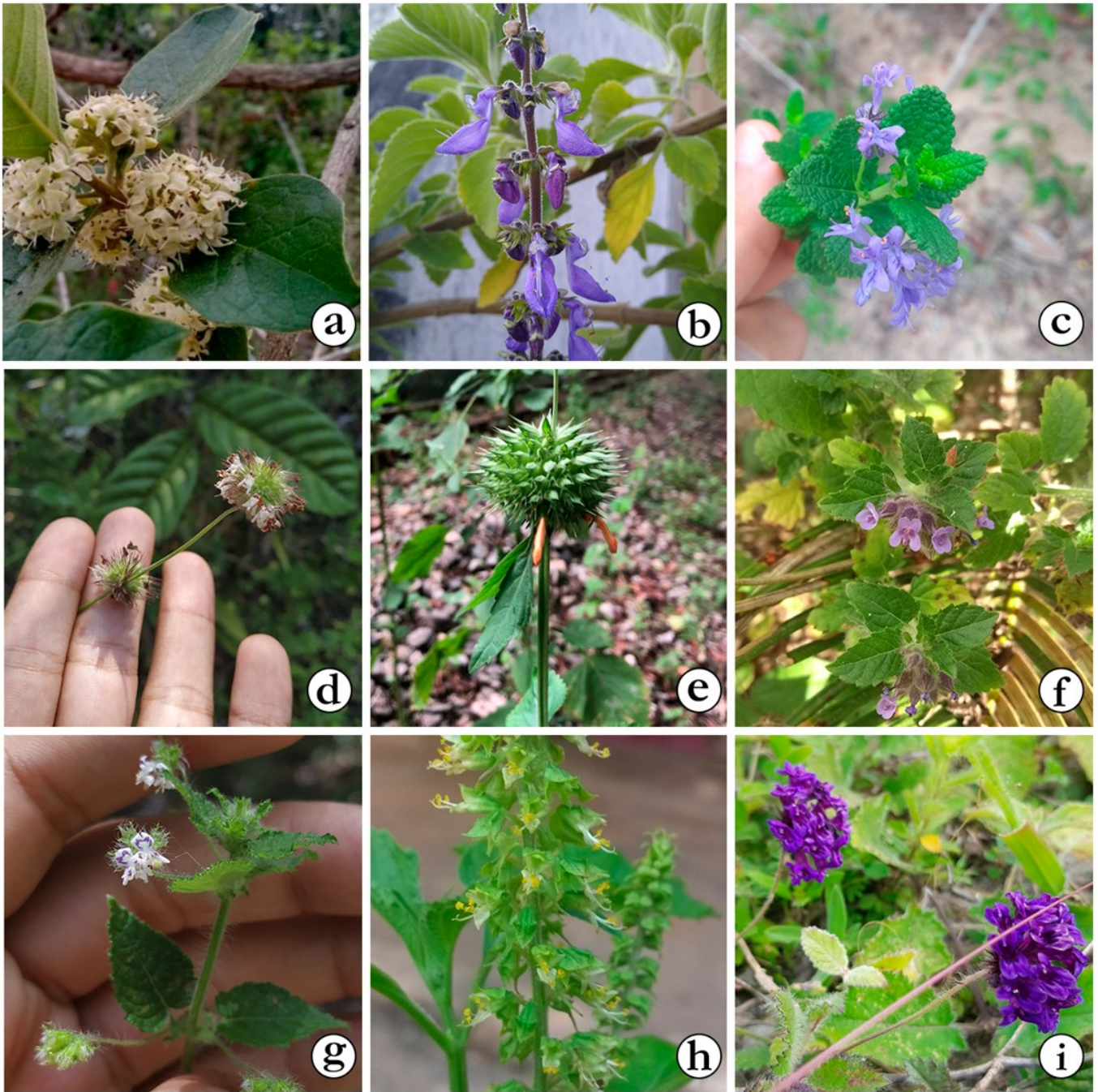
Fenologia: Registros da espécie em floração e frutificação nos meses de abril, junho, agosto e novembro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, UNEB, Campus II, 26/XI/2001, *Jesus* 540 (HUNEB); *loc. cit.*, 16/XI/2019, *Santos* 60 (HUNEB); remanescente de Mata Atlântica, Riacho do Mel, 19/XIII/2019, *Alves* 3 (HUNEB).

Distribuição: Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí) (Soares, 2022).

Gymmeia platanifolia é nativa do Brasil, não é endêmica, porém sua distribuição no Brasil é restrita a região Nordeste (Soares, 2022). Facilmente caracterizada pelo seu hábito prostrado e suas inflorescências em verticilastros globosos com flores brancas. Frequentemente encontrada associada com a espécie *Rhaphiodon echinus* Schauer.

Figura 2. Inflorescências. *Aegiphila verticillata* (a); *Coleus barbatus* (b); *Eplingiella fruticosa* (c); *Gymmeia platanifolia* (d); *Leonotis nepetifolia* (e); *Marsypianthes chamaedrys* (f); *Mesosphaerum caatingense* (g); *Ocimum gratissimum* (h); *Rhaphiodon echinus* (i).



8. *Hypenia salzmännii* (Benth.) Harley, Bot. J. Linn. Soc. 98: 91 (1988). (Figuras 3g, 4d, 5e)

Subarbusto, caule cilíndrico, entrenós inflados e fistulosos, hirsuto na base e após os entrenós inflados geralmente glabros e cerosos. **Folhas** opostas cruzadas, membranáceas, elípticas a lanceoladas; pecíolo 1–7 mm compr., hirsuto-glandular; lâmina 10–20 × 3–10 mm, ápice atenuado, base atenuada, margem crenada, adaxial pubescente, adaxial velutina, ambas apresentando tricomas glandulares, discolors. **Inflorescência** terminal em tirso, cimeiras laxas apresentando de 1–3 flores e um par de brácteas ovadas na base.

Flores pediceladas, apresentando uma bráctea linear na base do cálice; pedicelo 8–13 mm, glabro; cálice campanulado, 1–2 mm compr., 5-lobado, lobos atenuados, pubescentes; corola infundibuliforme, bilabiada, com 4 lobos maiores e um reduzido, externamente pubescente, 4–5 mm compr., de cor lilás-azulada; androceu com 4 estames; gineceu apresenta ovário súpero 4-lobado, estilete ginobásico. **Fruto** esquizocárpico; cálice acrescente, campanulado, inflado de 5 × 3 mm, garganta pubescente, externamente de incano a glabro; 4 núculas piramidais, 2–3 mm compr.

Fenologia: Registro do material florido e frutificado nos meses de julho e setembro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, área do município, 17/VII/1980, *Coradin* 3023 (HUEFS); Rio Branco, Fazenda Iraci Gama, 30/IX/1998, *Jesus* PC146 (HUEFS); UNEB, Campus II, 30/IX/1998, *Jesus* 146 (HUNEB); *loc. cit.*, 19/IX/2000, *Figueroa* 65 (HUNEB).

Distribuição: Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe) e Sudeste (Minas Gerais) (Faria, 2022).

Hyptenia salzmannii é nativa do Brasil (Faria, 2022). Se diferencia das demais espécies na área de estudo pelo seu caule cilíndrico apresentando entrenós inflados e fistulosos (ocos).

9. *Hyptis atrorubens* Poit., Ann. Mus. Natl. Hist. Nat. vii. (1806) 466. t. 27. f. 3.

Erva decumbente, ramos quadrangulares de pubescentes a pilosos. **Folhas** opostas cruzadas, ovadas; pecíolo 5–10 mm compr., pubescente; lâmina 7–20 × 5–10 mm, ápice atenuado a agudo, base atenuada, margem crenada a serrada, discolores. **Inflorescência** em capítulos hemisféricos, axilares, 10–17 × 10–15 mm, pedúnculo 15–25 mm compr.; brácteas involucrais elípticas, foliáceas, apresentando tricomas glandulares. **Flores** sésseis; cálice tubuloso, 5-lobado, 4 × 1 mm, lobos simétricos e subulados; corola alva ca. 5 mm compr.; androceu com 4 estames didínamos; gineceu com ovário súpero 4-lobado, estilete ginobásico, estigma bifido. **Fruto** esquizocárpico; brácteas persistentes; cálice acrescente 5–7 mm compr., tubuloso, lobos espinescentes; núculas não observadas.

Fenologia: Registro do material florido no mês de setembro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, Fazenda Pimentel, Lagoa de Dona Maria, 4/IX/2007, *Jesus* 2291 (HUEFS).

Distribuição: Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe), Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso) e Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) (Harley; Antar, 2022).

Hyptis atrorubens é nativa do Brasil (Harley; Antar, 2022). Existe apenas um único registro da espécie, facilmente reconhecida pelos seus capítulos involucrais hemisféricos.

10. *Leonotis nepetifolia* (L.) R.Br., Hort. Kew., ed. 2 [W.T. Aiton] 3: 409 (1811). (Figuras 2e, 5f)

Subarbusto, ramos quadrangulares, pilosos a velutinosa. **Folhas** opostas cruzadas, ovadas, membranáceas; pecíolo 5–25 mm compr., velutino; lâmina 20–60 × 10–45 mm, ápice atenuado, base atenuada, margem crenada, face adaxial glabra com tricomas glandulares sésseis, face abaxial pubescente a velutina com tricomas glandulares. **Inflorescência** em verticilastros globosos, axilares e terminais; brácteas lineares a lanceoladas na base ca. 19 mm compr. **Flores** vistosas, pedicelo inconspícuo; cálice tubuloso, velutino, curvado para baixo, 8–12 mm compr., 6 lobos atenuados, lobo superior maior que os inferiores; corola tubulosa, alaranjada, ca. 10 mm compr., bilabiada, hirsuta com tricomas alaranjados; androceu com 4 estames; gineceu com ovário súpero 4-lobado, estilete ginobásico. **Fruto** esquizocárpico; cálice acrescente ca. 15 mm compr.; núculas oblongas, piramidais de 3 mm compr.

Figura 3. Flores. *Aegiphila pernambucensis* (a); *Aegiphila verticillata* (b); *Aeollanthus suaveolens* (c); *Coleus barbatus* (d); *Eplingiella fruticosa* (e); *Gymmeia platanifolia* (f); *Hyptenia salzmannii* (g); *Marsypianthes chamaedrys* (h); *Mesosphaerum caatingense* (i); *Rhaphiodon echinus* (j). Escala de 1 milímetro.

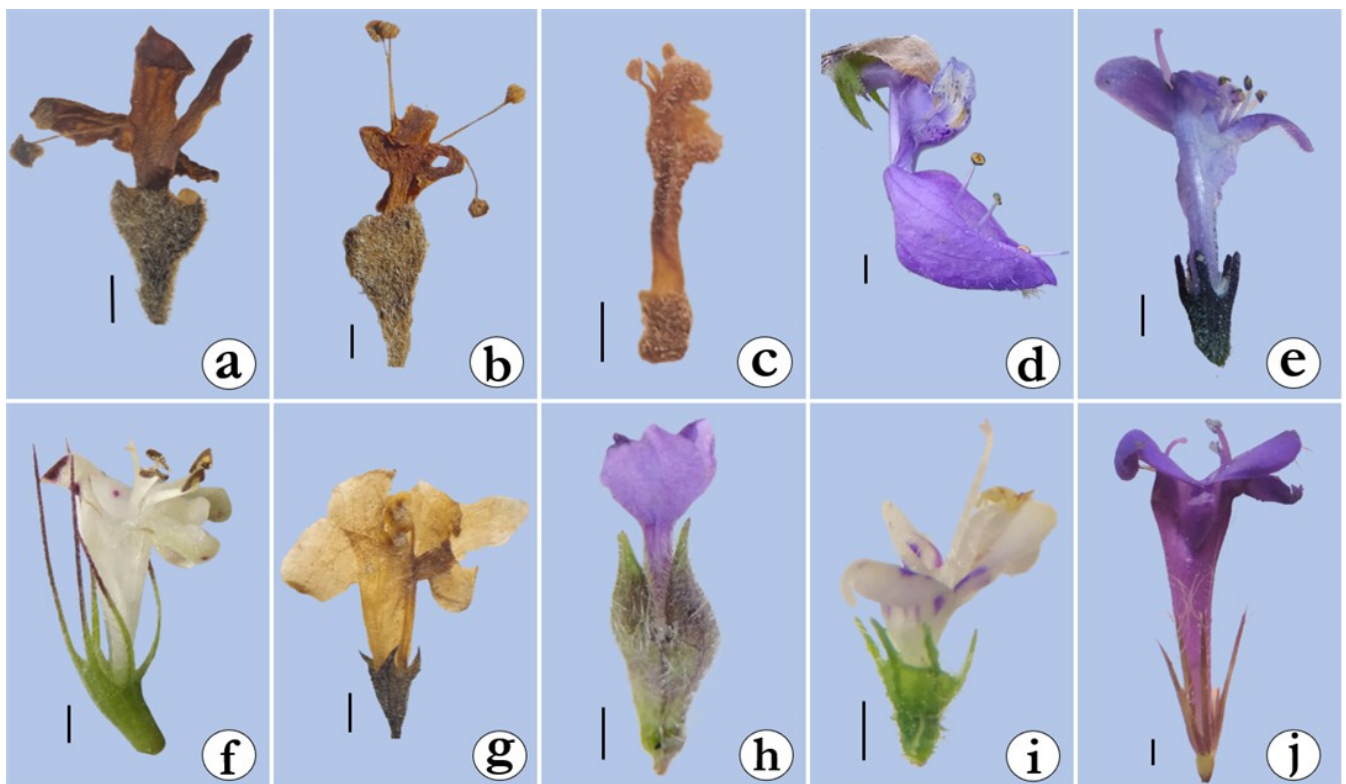


Figura 4. Cálice acrescente. *Acollanthus suaveolens* (a); *Eplingiella fruticosa* (b); *Gymmeia platanifolia* (c); *Hypenia salzmännii* (d); *Marsypianthes chamaedrys* (e); *Mesosphærum caatingense* (f). Escala de 1 milímetro.



Fenologia: Registros da espécie em floração e frutificação nos meses de maio, julho e novembro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, Lagoa Seca, 12/VII/2001, *Figueria* 132 (HUNEB); UNEB, *Campus* II, 19/XI/2003, *Jesus* PC640 (HUNEB); Boa União, Fazenda Cangula. 11/XII/2011, *Dias* 56 (HUNEB).

Distribuição: Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (Antar, 2022).

Leonotis nepetifolia é considerada naturalizada do Brasil (Antar, 2022). Espécie facilmente caracterizada pelo seu porte subarbustivo com inflorescências em verticilastros globosos apresentando flores tubulares de cor laranja.

11. *Marsypianthes chamaedrys* (Vahl) Kuntze, Revis. Gen. Pl. 2: 524 (1891). (Figuras 2f, 3h, 4e, 5g)

Subarbusto, ramos quadrangulares, pilosos. **Folhas** opostas cruzadas, membranáceas, ovadas; pecíolo 3–5 mm compr., piloso; lâmina 10–18 × 8–12 mm, base atenuada, margem serrada, ápice atenuado, face adaxial e abaxial hirsutas, discolores. **Inflorescência** em glomérulos capituliformes, 10 × 10–15 mm, axilares, apresentando de 9–12 flores cada; pedúnculo 15–20 mm compr., pubescente; brácteas involucrais, lanceoladas, 6–7 × 1 mm, verdes, lateralmente hirsutas. **Flores** pediceladas; pedicelo de 1–2 mm de compr., pubescente; cálice campanulado, 5 lobado, 5–7 × 3–5 mm, verde, externamente hirsuto com a presença de tricomas glandulares, internamente glabro; corola hipocrateriforme, bilabiada, 7–8 × 1–2 mm, lilás, externamente glabra com apenas os lobos da corola pubescentes; androceu com 4 estames, didínamos, epipétalos, filetes de cor lilás, com a região inferior glabra e mais próximo da antera se apresenta piloso, anteras marrons; gineceu com ovário súpero, 4-lobado, glabro, estilete inteiro, ginobásico, lilás, glabrescente, estigma bifido. **Fru**to esquizocárpico; cálice acrescente, 4–5 × 3 mm, marrom, campanulado, hirsuto, 5-lobado, lobos deltoides curvados para fora; núculas ovais, escavadas ventralmente, marrons.

Fenologia: Registro do material florido e frutificado nos meses de janeiro, agosto, novembro e dezembro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, UNEB, *Campus* II, 19/XII/2000, *Figueria* 107 (HUNEB); Trilha do Meliponário, 16/XI/2015, *Santos* 61 (HUNEB); remanescente de Mata Atlântica, Riacho do Mel, 19/VIII/2019, *Alves* 6 (HUNEB); povoado do Rio Branco, 23/I/2020, *Alves* 23 (HUNEB).

Distribuição: Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (Antar; Soares, 2022).

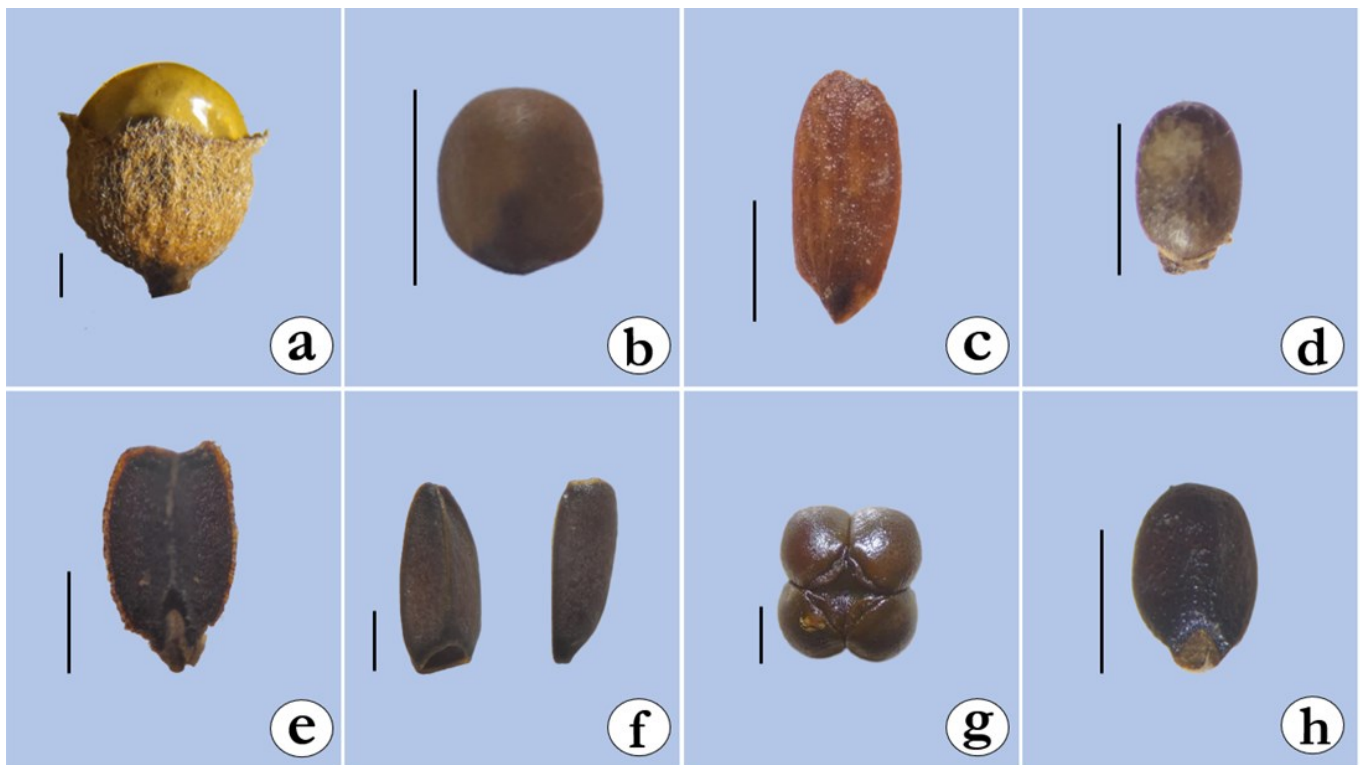
Marsypianthes chamaedrys é considerada nativa do Brasil (Antar; Soares, 2022). Se diferencia das demais espécies na área de estudo pelas suas núculas ventralmente escavadas, geralmente presente em áreas abertas e/ou bastantes antropizadas.

12. *Mentha × piperita* L., Sp. Pl. 2: 576 (1753).

Subarbusto, ramos quadrangulares, glabros com tricomas glandulares sésseis de forma esparsa. **Folhas** opostas cruzadas, ovadas; pecíolo 3–10 mm compr., incano a glabro glandular; lâmina 20–40 × 10–22 mm, ápice atenuado, base atenuada, margem serrada, lâmina com ambas faces glabras amplamente pontuada com tricomas glandulares sésseis. **Inflorescência** tirsoide terminal composta de cimeiras pediceladas, pedicelo incano, par de brácteas ovadas semelhantes as folhas na base do tirso, cimas multifloras, apresentando um par de brácteas de lanceoladas a ovadas de ápice acuminado e as restantes filiformes de 2–3 mm compr. **Flores** pediceladas; pedicelo ca. 2 mm compr., incano; cálice tubuloso, estriado, 3 mm compr., glabro com tricomas glandulares sésseis, 5 lobos agudos; corola bilabiada, 4-lobada, de cor branca ou rosada, 2–4 mm compr., glabra glandular; androceu com 4 estames didínamos; gineceu com ovário 4-lobado, estilete ginobásico. **Fru**to esquizocárpico; núculas não observadas.

Fenologia: Material registrado florido e frutificado no mês de fevereiro.

Figura 5. Frutos. Drupa de *Aegiphila pernambucensis* (a); núcula de *Aeollanthus suaveolens* (b); núcula de *Eplingiella fruticosa* (c); núcula de *Gymneia platanifolia* (d); núcula de *Hypenia salzmännii* (e); núculas de *Leonotis nepetifolia* (f); núculas unidas de *Maryspianthes chamaedrys* (g); núcula de *Mesosphaerum caatingense*. Escala de 1 milímetro.



Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, Boa União, Fazenda Cangula, 12/II/2012, *Dias* 100 (HUNEB).

Mentha piperita é uma planta híbrida (entre *Mentha spicata* L. e *Mentha aquatica* L.), de origem cultivada (Flora e Funga do Brasil, 2022). O espécime estava identificado como *Ocimum basilicum* L., porém se diferencia principalmente pela inflorescência (cimas pediceladas em *Mentha* versus sésseis em *Ocimum*) e pela corola (4-lobada versus 5-lobada).

13. *Mesosphaerum caatingense* Harley & J.F.B.Pastore, Kew Bull. 74(1)-12: 2 (2019). (Figuras 2g, 3i, 4f, 5h)

Subarbusto, caule quadrangular, lanuginoso. **Folhas** opostas cruzadas, membranáceas, cordiformes; pecíolo 9–27 mm compr., pubescente; lâmina 19–28 × 10–20 mm, ápice atenuado, base cordada, margem serreada, face adaxial hirsuta, face abaxial pubescente com tricomas glandulares sésseis, discolors. **Inflorescência** em cimeiras pedunculadas, apresentando as flores laxas, 15–20 × 9–19 mm, axilares (2–5 por axila foliar), de 4–7 flores cada; pedúnculo 17–23 mm de compr., hirsuto; brácteas diminutas na base do pedicelo. **Flores** com pedicelo ca. 1 mm de compr., pubescente; cálice campanulado, 2 × 1 mm, 5 lobos filiformes, verde, externamente hirsuto, internamente glabro; corola hipocrateriforme, bilabiada, 3–4 × 2–3 mm, branca com um arco roxo no lábio superior e pequenas manchas roxas no lábio inferior, externamente glabra sendo pubescente apenas nos lobos, internamente glabra; androceu com 4 estames, didínamos, epipétalos, filete branco, piloso; gineceu com ovário súpero, 4-lobado, estilete inteiro,

branco, glabro, estigma bifido. **Fruto** esquizocárpico, 5 × 2 mm, campanulado, verde, cálice acrescente; núculas ovadas, 1,5 × 1 mm, azuis enegrecidas.

Fenologia: Material encontrado florido e frutificado nos meses de janeiro e outubro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, remanescente de Mata Atlântica, Riacho do Mel, 10/X/2019, *Alves* 14 (HUNEB); povoado do Rio Branco, 23/I/2020, *Alves* 22 (HUNEB).

Distribuição: Nordeste (Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte) (Antar, 2022). Incluindo agora também a Bahia.

Foi o primeiro registro da espécie para a Bahia e para o domínio da Mata Atlântica, encontrada principalmente no remanescente do Riacho do Mel (Floresta Ombrófila Densa), área que não apresentava nenhum registro da família antes dos realizados pelo primeiro autor, devido a área está protegida pela 2ª Companhia de Suprimento do Exército Brasileiro. Foram encontrados poucos indivíduos em uma área de interior da mata próxima a uma região de brejo. A espécie que é nativa e endêmica do nordeste brasileiro (Antar, 2022), *Mesosphaerum caatingense* se diferencia das demais na área de estudo principalmente pelas flores de cálice campanulado com lobos filiformes e corola branca com um arco roxo no lábio superior.

14. *Mesosphaerum pectinatum* Kuntze, Revis. Gen. Pl. 2: 516, 525 (1891).

Subarbusto, ramos pubescentes. **Folhas** opostas, cartáceas, de ovadas a elípticas; pecíolo 6–11 mm compr., pubescente; lâmina 12–29 × 7–17 mm, ápice agudo, base arredondada a atenuada, margem serreada, face adaxial pilosa, face abaxial tomentosa, dis-

color. **Inflorescência** tirso com flores em dicásio cincinados compactos, 60–120 mm compr.; pedúnculo ca. 1 mm compr., brácteas da base do tirso semelhante as folhas, 4–5 × 3–6 mm, de ovadas a elípticas. **Flores** corola (não visualizada no material examinado). **Fruto** esquizocárpico; núculas obovadas, castanho-escuras, 1 × ca. 0,5 mm, glabrescentes, quando molhadas, envoltas por mucilagem translúcida.

Fenologia: Material registrado frutificado no mês de novembro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, remanescente de Mata Atlântica, UNEB, 19/XI/2003, *Jesus* 1881 (HUNEB).

Distribuição: Norte (Pará), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná, Santa Catarina) (Antar, 2022).

Mesosphaerum pectinatum é considerada nativa do Brasil (Antar, 2022). Se diferencia das demais espécies na área de estudo pela sua inflorescência em dicásios cincinados e compactos.

15. *Ocimum gratissimum* L., Sp. Pl. 2: 1197 (1753). (Figura 2h)

Subarbusto, ramos quadrangulares, pubescentes, hirsutos ou velutinos. **Folhas** opostas cruzadas, elípticas; pecíolo 5–25 mm compr., velutino; lâmina 40–90 × 17–42 mm, ápice de atenuado a agudo, base atenuada, margem serreada, face adaxial pubescente com tricomas glandulares sésseis esparsos, abaxial velutina toda pontuada de tricomas glandulares sésseis, ou ambas faces glabras com tricomas glandulares sésseis. **Inflorescência** em tirso com cimeiras sésseis laxas ou congestionadas, formando verticilastros, pedúnculo velutino glandular, par de brácteas semelhantes as folhas, assimétricas, lanceoladas de 25–50 mm compr., surgindo 3 tirsos do mesmo ponto e na base de cada um com brácteas de até 17 mm compr. **Flores** pediceladas, pedicelo velutino de 1–2 mm compr., cálice tubuloso, 5 lobos, um deles maior, lanceolado de ápice atenuado e recurvado, 2–3 mm compr., velutino glandular, internamente glabro; corola bilabiada, lábio inferior unilobado, lábio superior 4-lobado, branca, 1–2 mm; androceu com 4 estames didínamos; gineceu com ovário súpero, 4-lobado, estigma bifido. **Fruto** esquizocárpico com cálice acrescente ca. 5 mm, marrom, pubescente, cálice inclinado para baixo com lobo superior deltoide voltado para cima; núculas ovoides rugosas de 1 mm compr.

Fenologia: Registro do material florido e frutificado nos meses de setembro e dezembro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, região central de Alagoinhas, 25/IX/2008, *Silva* 32 (HUNEB); Boa União, Fazenda Cangula, 4/XII/2011, *Dias* 44 (HUNEB).

Distribuição: Norte (Acre, Amazonas, Roraima), Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná, Santa Catarina) (Antar, 2022).

Ocimum gratissimum é uma planta amplamente cultivada pelo Brasil, porém já considerada naturalizada do país (Antar, 2022). Um dos espécimes estava registrado como *Ocimum campechianum* Mill.,

mas ao realizar a análise foi constatado que realmente se tratava de *O. gratissimum*, *O. campechianum* possui o lobo superior do cálice arredondado, enquanto que *O. gratissimum* possui o lobo do cálice superior atenuado. Se diferencia das demais espécies na área de estudo pela sua corola branca com o lábio superior 4-lobado e o inferior unilobado, bastante aromática.

16. *Rhaphiodon echinus* (Nees & Mart.) Schauer, Flora 27(1): 345 (1844). (Figuras 2i, 3j)

Erva prostada, ramos quadrangulares hirsutos. **Folhas** opostas, cartáceas, cordiformes; pecíolo 13–20 mm compr., hirsuto; lâmina 20–27 × 15–19 mm, ápice atenuado, base arredondada a cordada, margem dentada, face adaxial e abaxial hirsutas, discolors. **Inflorescência** em glomérulos, 18–20 × 13–26 mm, axilares, apresentando 15–30 flores; pedúnculo de 80–95 mm compr., hirsuto; brácteas filiformes, 3×1 mm, espinescentes. **Flores** subsésseis, de pedicelo glabro; cálice de tubo curto ca. 1mm, apresentando de 5–15 lobos espinescentes 4–6 × 2–3 mm, externamente hirsuto, internamente glabro; corola infundibuliforme, bilabiada, 13–14 × 2–3 mm, roxa, externamente pubescente com o ápice dos lobos barbados, internamente pubescente; androceu com 4 estames, didínamos, epipétalos, filete 3–4 mm compr., lilás, piloso; gineceu apresenta ovário súpero 4-lobado, glabro, estilete ginobásico, 13 mm compr., lilás, piloso, estigma capitado. **Fruto** esquizocárpico; cálice acrescente espinescente se torna mais rígido na frutificação.

Fenologia: Registros do material florido nos meses de julho a outubro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Alagoinhas, UNEB, Campus II, 4/X/2000, *Jesus* 419 (HUNEB); trilha da casa do mel, 16/IX/2018, *Santos* 46 (HUNEB); remanescente de Mata Atlântica, Riacho do Mel, 19/VIII/2019, *Alves* 7 (HUNEB).

Distribuição: Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Goiás) e Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais) (Mota; Pastore, 2022).

Rhaphiodon echinus é a única espécie registrada para o gênero, nativa e endêmica do Brasil (Mota; Pastore, 2022). Facilmente identificada por ser uma erva prostada, apresentando glomérulos com vistosas flores roxas com cálice de lobos espinescentes. O capítulo frutificado cai e é dispersado como uma unidade.

Conclusão

Foram reconhecidos para o município de Alagoinhas, Bahia, 13 gêneros e 16 espécies da família Lamiaceae, com a tribo Ocimeae apresentando o maior número de espécies. Sendo o Complexo Vegetacional UNEB/EBDA o local com foco maior de registros. Algumas espécies nativas apresentaram poucos registros de coleta como por exemplo *Aegiphila integrifolia*, *Aegiphila pernambucensis* e *Hyptis atrorubens*. Outras encontram-se com um longo período sem novos registros, o que precisa ser investigado, podendo indicar uma diminuição da população ou extinção para área em estudo. Sendo um alerta para necessidade de conservação dos remanescentes do município que vem sofrendo com ações antrópicas.

A partir do levantamento realizou-se o importante registro de *Mesosphaerum caatingense*, que é considerada endêmica do nordeste brasileiro, sendo a primeira documentação da espécie para o estado da Bahia e para o domínio da Mata Atlântica.

Agradecimentos

Os autores agradecem à prof.^a Dra. Luciene Cristina Lima e Lima pelas sugestões no manuscrito.

Financiamento

Financiado pelas bolsas de iniciação científica da UNEB (PICIN) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), concedidas ao primeiro autor (BOL 1726/2020 e BOL 1239/2021).

Contribuições de Autoria

Conceitualização: DSA. Curadoria de dados: DAS, INS. Análise formal: GSSA, INS. Aquisição de financiamento: GSSA. Investigação: DAS, INS. Metodologia: DSA, GSSA. Administração do projeto: GSSA. Recursos: GSSA. Programas: DSA, GSSA. Supervisão: GSSA. Validação: GSSA. Visualização: DSA. Redação - rascunho original: DSA. Redação - revisão e edição: DSA, GSSA, INS.

Conflito de Interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse a informar.

Disponibilidade dos Dados

Os dados integrais analisados durante o estudo atual estão apresentados no corpo do manuscrito.

Conformidade ética

Não se aplica.

Referências

- Antar GM. *Leonotis* in Flora e Funga do Brasil [internet]. Rio de Janeiro: JBRJ [acesso em 27 jul 2022]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB17908>
- Antar GM. *Mesosphaerum* in Flora e Funga do Brasil [internet]. Rio de Janeiro: JBRJ [acesso em 27 jul 2022]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB59202>
- Antar GM. *Ocimum* in Flora e Funga do Brasil [internet]. Rio de Janeiro: JBRJ [acesso em 27 jul 2022]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB8276>
- Antar GM. *Plectranthus* in Flora e Funga do Brasil [internet]. Rio de Janeiro: JBRJ [acesso em 27 jul 2022]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB25604>
- Antar GM, Harley RM, Oliveira AB et al. Lamiaceae in Flora e Funga do Brasil [internet]. Rio de Janeiro: JBRJ [acesso em 27 jul 2022]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB142/>
- Antar GM, Harley RM. *Mentha* in Flora e Funga do Brasil [internet]. Rio de Janeiro: JBRJ [acesso em 27 jul 2022]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB8183>
- Antar GM, Soares AS. *Marsypianthes* in Flora e Funga do Brasil [internet]. Rio de Janeiro: JBRJ [acesso em 27 jul 2022]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB8271>
- APG IV. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. Botanical Journal of the Linnean Society 2016;181(1):1–20. doi: 10.1111/boj.12385
- Faria, M.T. *Hypenia* in Flora e Funga do Brasil [internet]. Rio de Janeiro: JBRJ [acesso em 27 jul 2022]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB8169>
- Fidalgo O, Bononi VLR. Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico. Instituto de Botânica. 1984.
- Filgueiras TS, Nogueira PE, Brochado AL, Guala GF. Caminhamento: um método expedito para levantamentos florísticos qualitativos. Cadernos de Geociências. 1994;12:39–43.
- Flora e Funga do Brasil [internet]. Rio de Janeiro: JBRJ [acesso em 27 jul 2022]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>
- França F. *Aegiphila* in Flora e Funga do Brasil [internet]. Rio de Janeiro: JBRJ [acesso em 27 jul 2022]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB8102>
- Funk VA, Richardson KS. Systematic data in biodiversity studies: use it or lose it. Systematic Biology. 2002;51(2):303–316. doi: 10.1080/10635150252899789
- Gonçalves EG, Lorenzi H. Morfologia vegetal: organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora; 2016.
- Harley RM. An explosive pollination mechanism in *Eriope crassipes*, a Brazilian labiate. Biological Journal of the Linnean Society. 1971;3(2): 159–164. doi: 10.1111/j.1095-8312.1971.tb00175.x
- Harley RM. The Labiatae of Bahia: a preliminary check-list. Sientiibus. 1996; 15: 11–21.
- Harley RM. Checklist and key of genera and species of the Lamiaceae of the Brazilian Amazon. Rodriguésia. 2012;63(1): 129–144.
- Harley, R.M. *Eplingiella* in Flora e Funga do Brasil [internet]. Rio de Janeiro: JBRJ [acesso em 27 jul 2022]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB132602>
- Harley RM; Simmons NA. Florula of Mucugê, Chapada Diamantina, Bahia, Brazil: a descriptive check-list of a campo rupestre area. Kew Surrey: Royal Botanic Gardens Kew. 1986.
- Harley RM, Atkins S, Budantsev A, Cantino PD et al. Labiatae. In: Kadereit JW, editor. The families and genera of vascular plants. Heidelberg, Berlin: Springer; 2004. p. 167–275. doi:10.1007/978-3-642-18617-2
- Harley RM, Pastore JFB. A generic revision and new combinations in the Hyptidinae (Lamiaceae), based on molecular and morphological evidence. Phytotaxa 2012;58(1):1–55. doi:10.11646/phytotaxa.58.1.1
- Harley RM, Walsingham L. *Eriope viscosa* (Lamiaceae), a new species from the Chapada Diamantina of Bahia, Brazil. Kew Bulletin. 2014;69(2). doi:10.1007/s12225-014-9514-0
- Harley RM, Giuliatti AM, Abreu IS, et al. Resupinate Dimorphy, a novel pollination strategy in two-lipped flowers of *Eplingiella* (Lamiaceae). Acta Botanica Brasilica 2017; 31: 102–107. doi:10.1590/0102-33062016abb0381
- Harley RM, Pastore JFB, Soares AS, Fernando EMP, Mota M. *Mesosphaerum caatingense* (Lamiaceae), a new species from the semi-arid Caatinga region of Northeast Brazil. Kew Bulletin 2019;74(1):1–7. doi:10.1007/s12225-019-9795-4
- Harley, R.M.; Antar, G.M. *Hyptis* in Flora e Funga do Brasil [internet]. Rio de Janeiro: JBRJ [acesso em 27 jul 2022]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB8183>

- Hashimoto MY, Ferreira HD. Taxonomic study of *Marsypianthes* Mart. ex Benth. (Hyptidinae, Lamiaceae) in Brazil. *Acta Botanica Brasílica*.2020;34:277–289. doi:10.1590/0102-33062019abb0339
- Hedge C. A global survey of the biogeography of the Labiatae. In: Harley RM, Reynolds T, editors. *Advances in Labiatae Science*. Kew, Royal Botanic Gardens; 1992.p. 7–17.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) [Internet]. Alagoinhas [acesso em 23 ago 2022]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/alagoinhas/>
- Jesus NG, Almeida GSS, Fonseca MR. Diversidade florística de dois remanescentes de floresta ombrófila densa do litoral norte da Bahia. In: Nunes JMC, Matos MRB, editors. *Litoral Norte: Caracterização ambiental, biodiversidade e conservação*. Salvador: EDUFBA; 2017. p. 157–170.
- Li B, Cantino PD, Olmstead RG et al. A large-scale chloroplast phylogeny of the Lamiaceae sheds new light on its subfamilial classification. *Scientific reports*. 2016; 6(1):1–18. doi:10.1038/srep34343
- Lima CT, França F. Flora da Bahia: Vitex tour. ex. L. Lamiaceae. *Sitientibus*.2009;9(4):225–244. doi:10.13102/scb8015
- Monteiro FKS, Pastore JFB, Melo JIM. The flora of Paraíba state, Brazil: subfamilies Ajugoideae and Viticoideae (Lamiaceae). *Biota Neotropica*.2018;18(3). doi:10.1590/1676-0611-BN-2017-0472
- Mota MCA, Pastore JFB, Marques R et al. Lamiaceae na Serra Negra, Minas Gerais, Brasil. *Rodriguésia*. 2017;68(1):143–157. doi: 10.1590/2175-7860201768123
- Mota, M.C.A.; Pastore, J.F.B. *Rhaphiodon* in Flora e Funga do Brasil [internet]. Rio de Janeiro: JBRJ [acesso em 27 jul 2022]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB8294>
- Paton A, Mwyanyambo M, Govaerts RH, et al. Nomenclatural changes in *Coleus* and *Plectranthus* (Lamiaceae): a tale of more than two genera. *PhytoKeys* 2019;129:1–158. doi:10.3897/phytokeys.129.34988
- Ribeiro MC, Martensen AC, Metzger JP, Tabarelli M, Scarano F, Fortin MJ. The Brazilian Atlantic Forest: a shrinking biodiversity hotspot. In: Zachos F, Habel J, editors. *Biodiversity hotspots*. Berlin, Heidelberg: Springer; 2011. p. 405-434. doi: 10.1007/978-3-642-20992-5_21
- Sanquetta CR. Experiências de monitoramento no Bioma Mata Atlântica com uso de parcelas permanentes. Curitiba: Funpar; 2008.
- Soares, A.S. *Gymmeia* in Flora e Funga do Brasil [internet]. Rio de Janeiro: JBRJ [acesso em 27 jul 2022]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB132605>
- Superintendência de estudos econômicos e sociais da Bahia (SEI). Estatísticas dos municípios baianos [internet]. [Território de Identidade n° 18]. Salvador; 2013 [acesso em 23 ago 2022]. Disponível em: <https://www.sei.ba.gov.br/>
- Silva-Luz CL, Gomes CG, Pirani JR, Harley RM. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Lamiaceae. *Boletim de Botânica*. 2012;30(2):109–155. doi:10.11606/issn.2316-9052.v30i2p109-155
- Specieslink [Internet]. [acesso em 20 jun 2022]. Disponível em <http://www.splink.org.br/>
- Thiers B. Index herbariorum: a global directory of public herbaria and associated staff [internet]. New York: New York Botanical Garden's Virtual Herbarium [continuadamente atualizado (acesso em 20 jun 2022)]. Disponível em: <http://sweetgum.nybg.org/ih/>
- Van JEJ, Van WAE. *Aeollanthus rydingianus*, a new species from northern Namibia and southern Angola (Lamiaceae). *Bothalia*. 2005;35(2):157–173
- Zappi DC, Lucas E, Stannard B et al. Lista das plantas vasculares de Catolés, Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. *Boletim de Botânica*. 2003;21(2):345–398. doi: 10.11606/issn.2316-9052.v21i2p345-398
- Zhao F, Chen Y-P, Salmaki Y et al. An updated tribal classification of Lamiaceae based on plastome phylogenomics. *BMC Biology*. 2021;19(1):1–27. doi:10.1186/s12915-020-00931-z

Como citar este artigo

How to cite this article

(ABNT)

ALVES, D. S.; ALMEIDA, G. S. S.; SANTANA, I. N. Lamiaceae Martinov no município de Alagoinhas, Bahia, Brasil. **Paubrasilia**, Porto Seguro, v. 6, e0105, 2023. DOI 10.33447/paubrasilia.2023.e0105

(Vancouver)

Alves DS, Almeida GSS, Santana IN. Lamiaceae Martinov no município de Alagoinhas, Bahia, Brasil. *Paubrasilia* 2023;6:e0105. doi: 10.33447/paubrasilia.2023.e0105